



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO *ANGELUS* Praça São Pedro

Domingo, 13 de setembro de 2020 [\[Multimídia\]](#)

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Na parábola que lemos no Evangelho de hoje, a do rei misericordioso (cf. *Mt 18, 21-35*), encontramos duas vezes esta súplica: «concede-me um prazo e pagar-te-ei» (vv. 26.29). A primeira vez é pronunciada pelo servo que deve ao seu senhor dez mil talentos, uma soma enorme, hoje seriam milhões e milhões de euros. A segunda vez é repetida por outro servo do mesmo senhor. Também ele tem uma dívida, não para com o seu senhor, mas para com aquele servo que tem a dívida enorme. E a sua dívida é muito pequena, talvez tão pequena como o salário de uma semana.

O cerne da parábola é a indulgência que o senhor demonstra para com o servo que tem a dívida maior. O evangelista sublinha que «o senhor teve compaixão - nunca vos esqueçais desta palavra que é própria de Jesus: “teve compaixão”, Jesus teve sempre compaixão - [teve compaixão] daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida». (v. 27). Uma dívida enorme, portanto um enorme perdão! Mas aquele servo, imediatamente a seguir, mostra-se implacável com o seu companheiro, que lhe deve uma modesta soma. Ele não o ouve, não tem piedade dele e manda-o para a prisão, enquanto não pagar a dívida (cf. v. 30), essa pequena dívida. O senhor ouve falar disso e, indignado, chama o servo mau e condena-o (cf. vv. 32-34): “eu perdoei-te tanto e tu és incapaz de perdoar este pouco?”.

Na parábola, encontramos duas atitudes diferentes: a de Deus - representado pelo rei - que perdoa muito, porque Deus perdoa sempre, e a do homem. Na atitude divina, a justiça está impregnada de misericórdia, enquanto que a atitude humana se limita à justiça. Jesus exorta-nos a abrir-nos corajosamente à força do perdão, porque na vida, sabemos que nem tudo é resolvido pela justiça. Precisamos desse amor misericordioso, que é também a base da resposta do Senhor à pergunta de Pedro que precede a parábola. A pergunta de Pedro soa assim: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar?» (v. 21). E Jesus respondeu-lhe: «Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete» (v. 22). Na linguagem simbólica da Bíblia, isto

significa que somos sempre chamados a perdoar!

Quantos sofrimentos, quantas dilacerações, quantas guerras poderiam ser evitadas, se o perdão e a misericórdia fossem o estilo da nossa vida! Também na família: quantas famílias desunidas que não sabem como se perdoar, quantos irmãos e irmãs que têm esse rancor dentro. É necessário aplicar o amor misericordioso em todas as relações humanas: entre cônjuges, entre pais e filhos, dentro das nossas comunidades, na Igreja e também na sociedade e na política.

Hoje, de manhã, enquanto celebrava a Missa, parei, fiquei impressionado com uma frase da primeira leitura do livro do Sirácide. A frase diz: “Lembra-te do fim e deixa de odiar”. Bela frase! Pensa no fim! Pensa que acabarás num caixão... e acabarás nele com o ódio? Pensa no fim, deixa de odiar! Abandona o ressentimento. Pensemos nesta frase muito comovedora: “Lembra-te do fim e deixa de odiar”.

Não é fácil perdoar, porque em momentos tranquilos diz-se: “Sim, este fez-me tantas, mas eu também fiz muitas. Melhor perdoar para ser perdoado”. Mas depois o rancor volta, como uma mosca irritante no verão que volta e volta e volta... Perdoar não é apenas uma coisa momentânea, mas deve ser contínua contra este ressentimento, este ódio que volta. Pensemos no fim, deixemos de odiar.

A parábola de hoje ajuda-nos a compreender plenamente o significado da frase que recitamos na oração do *Pai-Nosso*: «*Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*» (Mt 6, 12). Estas palavras contêm uma verdade decisiva. Não podemos pretender para nós o perdão de Deus, se, por nossa vez, não concedemos o perdão ao nosso próximo. É uma condição: pensa no fim, no perdão de Deus, e deixa de odiar; afasta o rancor, aquela mosca irritante que volta sempre. Se não nos esforçarmos por perdoar e amar, também não seremos perdoados nem amados.

Confiemo-nos à intercessão materna da Mãe de Deus: que ela nos ajude a dar-mo-nos conta de quanto devemos a Deus, e a recordá-lo sempre, para que possamos ter o nosso coração aberto à misericórdia e à bondade.

Depois do Angelus

Estimados irmãos e irmãs!

Nos últimos dias, uma série de incêndios devastou o campo de refugiados em Moria, ilha de Lesbos, deixando milhares de pessoas sem um abrigo, mesmo se era precário. Está sempre viva

em mim a recordação da visita que fiz e do apelo lançado juntamente com o Patriarca Ecuménico Bartolomeu e com o Arcebispo Ieronymos de Atenas, para assegurar «um acolhimento humano e digno para as mulheres e homens migrantes, refugiados e requerentes de asilo na Europa» (16 de abril de 2016). Manifesto a minha solidariedade e proximidade a todas as vítimas destes acontecimentos dramáticos.

Além disso, nestas semanas estamos a assistir a numerosas manifestações populares de protesto em todo o mundo - em muitas partes - expressando o crescente mal-estar da sociedade civil face a situações políticas e sociais particularmente críticas. Embora exorte os manifestantes a apresentarem as suas instâncias pacificamente, sem cederem à tentação da agressividade e da violência, apelo a todos aqueles que têm responsabilidades públicas e governamentais para que ouçam a voz dos seus concidadãos e satisfaçam as suas justas aspirações, assegurando o pleno respeito pelos direitos humanos e liberdades civis. Por fim, convido as comunidades eclesiais que vivem em tais contextos, sob a guia dos seus Pastores, a trabalhar pelo diálogo, sempre a favor do diálogo, e da reconciliação - falámos de perdão, de reconciliação.

Devido à situação pandémica, este ano a tradicional Coleta para a Terra Santa foi transferida da Sexta-feira Santa para hoje, véspera da Festa da Exaltação da Santa Cruz. No contexto atual, esta Coleta é um sinal ainda maior de esperança e solidariedade com os cristãos que vivem na Terra onde Deus se fez carne, morreu e ressuscitou por nós. Façamos hoje uma peregrinação espiritual, em espírito, com a imaginação, com o coração, a Jerusalém, onde, como diz o Salmo, estão as nossas fontes (cf. Sl 87, 7), e tenhamos um gesto de generosidade para com essas comunidades.

Saúdo-vos a todos, fiéis romanos e peregrinos de vários países. Em particular, saúdo os ciclistas que sofrem da doença de Parkinson que percorreram a Via Francígena de Pavia até Roma. Fostes velozes! Obrigado pelo vosso testemunho. Saúdo a Confraria de Nossa Senhora das Dores de Monte Castello di Vibio. Vejo que existe também uma Comunidade *Laudato si'*: obrigado pelo que fazeis; e obrigado pelo encontro de ontem aqui, com Carlo Petrini e todos os dirigentes que vão em frente nesta luta pela preservação da criação.

Saúdo todos vós, todos, de modo especial as famílias italianas que em agosto se dedicaram à hospitalidade dos peregrinos. Elas são muitas! Desejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!